ANTÔNIO BEZERRA DE MENEZES – SESQUICENTENÁRIO DE NASCIMENTO (*)

Francisco de Assis de Arruda Furtado

A 4 de março de 1887, quando se fundou o Instituto do Ceará, dentre os fundadores se encontrava Antônio Bezerra, cujo sesquicentenário de nascimento ora se celebra.

As gerações mais novas poderiam perguntar: quem teria sido esse que dá nome a um dos Distritos (antigo Barro Vermelho) no Município de Fortaleza?

Seria longo alinhar as opiniões de contemporâneos, mas vale reproduzir algumas.

Antônio Sales, referindo-se ao nascimento de Antônio Bezerra, faz-lhe um elogio ímpar. Diz ele: "Nascia, naquela hora, não **Um** cearense, e sim **O** cearense, paradigma étnico da nossa raça, o próprio Ceará personificado" ("Retratos e Lembranças", edição de 1938, pág. 127).

João Brígido, em "Ceará, Homens e Fatos", apesar de tentar feri-lo com suas farpas, reconhece que Antônio Bezerra era escritor ameno, tinha a alma bem formada, foi prosador fluente e castiço, foi bom, manso e desinteressado, chegando a considerá-lo astro de primeira grandeza no Ceará (pág. 303-304).

(*) Trabalho lido no Instituto do Ceará no transcurso do sesquicentenário de nascimento de Antônio Bezerra de Menezes, seu sócio fundador, pelo sobrinho-neto do homenageado sócio efetivo do Instituto, F. A. de Arruda Furtado.

As ironias com que o velho jornalista procurou diminuí-lo ficaram inúteis diante daqueles elogios, aos quais não se podia furtar, sob pena de desacreditar-se. E tais ironias se explicam perfeitamente em virtude das antagônicas posições religiosas de ambos e, principalmente, porque Antônio Bezerra refutou todos os erros do jornalista, nas suas incursões como historiador. E Antônio Bezerra não o fez com segundas intenções mas com o propósito único de restabelecer a verdade dos fatos de nossa História mais antiga.

Depoimento mais recente, o do nosso saudoso Raimundo Girão, de imensa autoridade, também faz a exaltação do homenageado. Diz ele: "Antônio Bezerra, de tanto amar e de tanto dedicar-se à sua terra de nascimento, confundiu-se com ela, ou melhor dizendo, **fundiu-se a ela".**

"Nenhum só dia – acrescenta – a esqueceu ou esqueceu de servi-la e de trabalhar por ela, no mais acrizolado amor".

"Nenhum cearense – continua Girão – demonstrou mais amor à sua terra e mais serviço porventura lhe prestou que esse ilustre conterrâneo, a quem já se deu, e com justiça, o título de **Cearense Padrão".**

ORIGENS

O ancião do Barro Vermelho é Bezerra de Menezes. E a respeito dessa imensa família, disseminada por todo o Brasil, diz o próprio João Brígido: "A Família Bezerra de Menezes é uma das mais antigas e notáveis que se perpetuaram na nossa história de Provínica". ("Ceará, Homens e Fatos", pág. 304).

Ainda quanto aos do nosso Estado, o estimado consócio Vinícius de Barros Leal, indiscutível autoridade em genealogia, esclarece: "Como é de notar-se, todo o Ceará recebeu parcela de sangue dessa gente brava e fecunda (os Bezerra de Menezes), podendo-se dizer, hoje, que poucos são os cearenses de tradição que não sejam consanguíneos por esse tronco genealógico".

"São dezenas de milhares – continua – os que se encontram nesta confluência genética".

O primeiro ascendente de Antônio Bezerra, no Brasil, foi Antônio Bezerra Felpa de Barbuda, da nobreza portuguesa de Viana, chegado a Olinda em 9 de março de 1535, com o 1º donatário de Pernambuco, Dom Duarte Coelho Pereira. O pai de Antônio Bezerra foi o Dr. Manoel Soares de Silva Bezerra, filho do Tte-Cel. Antônio Bezerra de Menezes

e Fabiana de Jesus Maria Cavalcante de Albuquerque, e sua mãe foi Maria Teresa de Albuquerque Lima, filha do Ten.-Cel. Manoel Alexandre de Albuquerque Lima, e Maria de Nazaré Bezerra de Menezes.

O Dr. Soares se formou em Olinda, no ano de 1836. E sobre ele escreveu o Barão de Studart, no "Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense":

"De volta à terra natal, entrando na política foi deputado provincial de 1840 a 1843 e de 1870 a 1873, sendo vice-presidente da Assembléia, no biênio de 1870 a 1871 e presidente em 1842, deputado geral na legislatura de 1845 a 1847, presidente da Câmara Municipal de Fortaleza no quatriênio de 1860 a 1863 e 3º vice-presidente da Província. Nesse último posto teve de assumir as rédeas do governo, por alguns dias, em outubro de 1872".

"Foi, também, juiz municipal de Quixeramobim, lente substituto de Geometria e efetivo de Português no Liceu de Fortaleza, inspetor interino, por 3 vezes, da Instrução Pública, procurador fiscal da tesouraria de fazenda e inspetor do Tesouro Provincial, logar em que se aposentou em 1874".

"Tinha o hábito de Cristo e por seus relevantíssimos serviços à causa católica mereceu do Santo Padre Pio 9º o hábito de Gregório Magno".

"Grande cultor do latim e da língua vernácula, e muito versado em questões de filosofia, deixou vários trabalhos, que lhe recomendam o nome. Colaborou nos jornais Pedro II e Tribuna Católica".

O Dr. Manoel Soares publicou os seguintes livros: "Compêndio de Gramática Filosófica" (1861); "Os Dogmas Políticos do Cristão" (1864); "O Inferno ou a Refutação do folheto de Alfredo Maury" (1868); "Compêndio de Gramática da Língua Nacional" (1877); "Questão de Gramática Filosófica" (1881); e "O Que é o Protestantismo" (1884).

Bisavô de Antônio Bezerra foi o Coronel Antônio Bezerra de Souza Menezes (23.03.1758 – 02.09.1827), que se casaria com Ana Maria da Costa, da família Antunes. O Cel. Souza Menezes foi Comandante do Regimento de Cavalaria Miliciana do Icó (13.08.1804) e teve destacada atuação no movimento político e militar que precedeu a Independência. Derrotou, no combate de Forquilha, na confluência do rio Salgado com o rio Jaguaribe, as forças comandadas pelo oficial português Antônio Diniz, preparando a Independência.

Em 1824, tomou parte importante na Confederação do Equador, tendo sido o Comandante das Armas. Condenado à morte pela Co-

missão Militar, Pedro I comutou a pena em degredo para o Maranhão, havendo ele falecido antes.

Depois da vitória sobre o Comandante Diniz, chegou do Crato o Cel. Pinto Madeira e pretendeu fuzilar o oficial português, a isso se opondo o Cel. Souza Menezes, energicamente, sob a alegativa de que era dele o prisioneiro. E por ironia da vida, Pinto Madeira, em 1831, foi fuzilado, no Crato.

Na linha genealógica registram-se outros ascendentes, como Antônio Bezerra de Souza, pai do precedente Antônio Bezerra de Souza Menezes, Capitão das Entradas do Córrego do Saco da Velha em 21.11.1782, e que foi casado com Teresa Maria José Bezerra de Menezes; o Sargento-Mor João de Souza Pereira, pai do precedente, falecido em abril de 1732 e que foi casado com Joana Bezerra de Menezes; Francisco Barbosa, Governador da Paraíba; André de Albuquerque, também Governador da Paraíba, filho de Jerônimo de Albuquerque e de Maria do Espírito Santo Arco Verde, e que foi casado com Catarina de Melo Albuquerque, filha, por sua vez, de Cristóvão de Melo (Governador de Pernambuco cerca de 1577) e de Joana da Silva.

Sei que nas ancestralidades aparecem, aqui e ali, figuras que não foram exemplares, de par com outras que se notabilizaram pelas virtudes, todos, uns e outros, com as suas pequenas ou maiores faltas, visto que somos, antigos, coetâneos ou pósteros, todos falíveis.

Sempre foi assim. E na própria Bíblia temos exemplos. S. José era da estirpe real de Davi, tendo recebido o inexcedível epíteto de **o Justo**; entretanto foi humilde operário. O indumeu Herodes, seu contemporâneo, apesar de rei, foi déspota, corrupto e assassino.

Importa que todos honremos os ancestrais, sejam quais forem, no cumprimento do 4º mandamento, mas, sobretudo, importa que imitemos as virtudes daqueles que deixaram luminosos exemplos à própria descendência.

DA INFÂNCIA À VELHICE

Nasceu Antônio Bezerra em Quixeramobim, a 21.02.41, talvez no período em que seu pai exercia ali a magistratura. Pouco demorou à margem do Banabuiú, pois o genitor tinha de exercer o mandato de Deputado Provincial.

A infância, passou-a em Fortaleza e é desse período que se contam episódios de sua meninice.

Morava a família em Jacarecanga (quase Centro, hoje), nas proximidades da Praça da Lagoinha, na Fortaleza muito provinciana d:

meiado do século 19, com menos de 20.000 habitantes, sem pavimentação nas ruas nem iluminação pública.

Certo dia, sua mãe mandou-o a lugar mais afastado, procurar uma lavadeira. Antônio Bezerra, ao chamar a doméstica, advertiu:

– Quando chegar lá em casa, fale muito alto, que minha mãe é muitíssimo surda.

Voltando à sua casa, disse à genitora que, ao receber a lavadeira, falasse bem alto, pois ela era surda como uma porta. E foi esperar, em posição estratégica, o encontro das duas e o estrondo do primeiro diálogo...

O Dr. Soares dava boa formação religiosa aos filhos, que foram dezoito. E aproveitou eventual missão, que se fazia na Matriz de S. José, para mandar os meninos ouvirem a pregação dos missionários.

Saíram para tal fim mas resolveram tomar, antes, refrescante banho de mar. E se demoraram tanto que perderam o sermão. E um deles quase se afogava.

Sucedeu que o jangadeiro que socorreu o menino, indo à cidade, disse a Dr. Soares o que sucedera.

Finalmente, chegaram a casa, e o pai, já sabendo da travessura, interpelou-os:

– Foram ao sermão?

– Fomos, sim, senhor.

– O que foi que o padre disse?

Antônio Bezerra, o capitão da turma, respondeu:

– O padre disse, meu pai, que este mundo está perdido.

– Perdidos estão vocês, "seus" moleques.

E o instrumento da disciplina foi acionado...

Certa feita, saíram os pais a passaeio e encontraram um amigo que lhes disse:

– Nasceram-me, em um cajueiro, alguns frutos espantosamente grandes e mandei-lhes três.

Quem recebeu o portador do presente foi Antônio, que, de imediato, disse aos irmãos:

– O primeiro caju é de meu pai, o segundo de minha mãe e o outro é meu, que sou mais velho.

Mais tarde chegaram os genitores, que estranharam só encontrarem dois cajus. E no embaraço do momento, Antônio Bezerra procurou se safar:

– Eu vi a negrinha jogar qualquer coisa no telheiro do alpendre, parecendo uma castanha.

Encontrada a prova do delito, a suposta infratora levou uns bolos

de palmatória.

O remorso da falta passou a ferretear a consciência do meninote, que logo procurou o confissionário, por necessidade psicológica do desabafo e para pedir perdão a Deus.

O sacerdote deu-lhe a absolvição mas impôs o pedido de perdão à vítima da calúnia e dos "bolos".

Antônio procurou desencumbir-se da obrigação sacramental mas não achava oportunidade propícia.

Um dia, ao luso-fusco, a negrinha entrava, no fim da casa em sua camarinha. Seguiu-lhe os passos e caiu-lhe de joelhos, pedindo perdão.

Não contava, porém, que sua mãe viesse atrás e, diante da cena, supondo que ele fazia declaração de amor, deu-lhe a lição da correia disciplinadora.

Mais tarde, Antônio Bezerra estudou no Liceu do Ceará, do qual o seu pai era lente de Geometria e de Português, e seu tio, Dr. Teófilo Rufino Bezerra de Menezes, seu futuro sogro, lecionava Filosofia.

Viveu então para os estudos e para a literatura.

Em 1859, aos 18 anos, com o seu colega de Liceu e amigo José de Barcelos, fundou o 1º jornal literário do Ceará, "A Estrela", periódico que resistiu um ano.

Viajou, pouco tempo depois para S. Paulo com o propósito de se bacharelar, tendo desistido do intento.

Naquela província, dava aulas particulares. Contava que, tendo sido contratado por rica família para ensinar a uma jovem da casa, a convivência acabou em breve namoro. E certo dia, em sarau naquele solar, para o qual fora convidado, a discípula se exagerou em atenções para com um outro rapaz.

Na primeira aula depois da festa, Antônio Bezerra reprovou a conduta da moça e esta desatou a chorar. Enquanto isso, aproximava-se a avó da jovem, arrastando as sandálias pelo corredor.

Pediu à moça que se contivesse, mas não conseguiu. Nisto, a senhora se adentrou na sala e, nessa altura, Antônio Bezerra dizia, alto e bom som:

– Não está correto. O Sr. seu pai dispende dinheiro com as aulas, e a senhora não estuda.

A avó da jovem, assistindo ao sermão completou:

– Puxe por ela, Professor.

– Estou puxando, respondeu ele.

Na referida página autobiográfica, refere-se ele, com certo azedume, a essa fase de sua vida, quando tinha apenas 23 anos:

"Havia muito rigor nos exames da Instrução Pública no Rio, é certo; mas pagavam caro os provincianos a proteção que se dava ocultamente aos filhos dos titulares, aos recomendados dos grandes da política dominante, na maioria beócios".

"O meu orgulho levava-me a supor que eu conhecia mais a matéria do exame que o examinador e por isso nunca me vali de empenhos, nem aceitei proteção de quem quer que fosse, não me custando muito a me convencer da verdade, porque quando eu era "bombeado" em qualquer língua ou ciência, como se dizia na gíria de estudantes, eram aprovados discípulos meus, protegidos perante a mesma comissão, e na mesma banca".

"Cedo me convenci de que, para me salientar em qualquer posição na vida, seria preciso dispor de talento de eleição, que deslumbrasse, ou de um gênio de baixeza que agradasse a todos, andando sempre de rastros aos pés dos donos deste País, pois que só assim teria a todo tempo brilhante colocação".

"Não possuindo esse talento que domina as multidões, nem sendo possível habituar-me às curvaturas do servilismo, dei com os pés nos estudos e vim conviver entre gente que prezava ainda as normas de dignidade e honra, embora em esfera menos alevantada".

"Ali vivia eu à vontade e nunca invejei as riquezas dos afortunados, se bem que soubesse perfeitamente como se galgam as eminências do bem-estar, como se ganha a fortuna e como se faz posição, muito embora com a cara calçada".

"Voltei para o meio dos meus, que se não tinham bens a fartar, nem festas para me regalar o paladar, tinham lições de religião e ensinamentos de muito amor ao próximo".

"Não me doeu a perda do pergaminho porque com os livros perdi o desgosto de assistir a misérias, pois que chegeui a ver bacharéis que não sabiam ler".

Voltou Antônio Bezerra ao Ceará em agosto de 1864, com o título de Praticante da antiga Tesouraria da Fazenda.

"Por não me ter formado, confessa ele, tive de suportar dictérios de muita gente que se encarregava de divulgar a estreitesa do meu talento e, sobretudo, a vida dissipada que eu levava no Rio como estudante".

"A fim de me furtar a tais censuras, escondia-me em casa e as minhas saídas eram quase exclusivamente de casa para a repartição e da repartição para casa".

Nesse retiro proveitoso, meteu-se a estudar e, depois disso, sempre exerceu intensa atividade intelectual e cívica.

Participa do movimento em prol do voluntariado para a Guerra do Paraguai, tendo sido um deles.

Durante a Questão Religiosa, toma o partido dos Bispos, através de artigos e conferências públicas.

Na Campanha da Abolição da Escravatura é um dos primeiros e mais decididos.

Publica livros e, como jornalista, funda, com Teles Marrocos e Antônio Martins, "O Libertador" e, com Antônio Augusto e o Barão de Studart, o jornal "O Ceará".

Distingue-se nos movimentos literários e, com o pseudônimo de André Carnaúba, participa da Padaria Espiritual.

É co-fundador do Instituto do Ceará. Foi membro da antiga Academia Cearense, depois Academia Cearense de Letras, sendo, hoje, o patrono de uma de suas Cadeiras. Participou do Centro Literário Cearense e foi o primeiro presidente da Sociedade de Ciências Práticas.

Casa-se, em 25 de dezembro de 1870 com a sua prima carnal Joana Antônia Bezerra de Menezes, filha de seus tios, Dr. Teófilo Rufino Bezerra de Menezes e Maria Leopoldina Bezerra de Menezes, deixando numerosa descendência.

Possuo uma carta sua ao seu cunhado e meu avô Capitão Antônio Furtado de Mendonça e Menezes, de Baturité, pedindo por empréstimo a quantia de trezentos mil réis para o casamento, e dizendo que dava como garantia um dinheiro que tinha a receber da Província da Paraíba, por serviços prestados, e também o seu próprio e valioso relógio.

Já aposentado, vai para Manaus, em 1896, ali ficando até 1901. Foi Diretor do Museu Amazonense e redator principal do jornal "A Pátria", mantido pela colônia cearense.

Voltando ao Ceará, nos últimos vinte e cinco anos de sua vida foi intensíssima a sua atividade intelectual.

O FRUSTRADO VOLUNTÁRIO DO PARAGUAI

O Cel. Israel Bezerra, irmão de Antônio Bezerra e bisavô do nosso consócio Eduardo Bezerra Neto, foi o 1º Voluntário da Guerra do Paraguai. Participou das mais importantes batalhas, foi ferido mais de uma vez e regressou com uma fé de ofício honrosa e muitas medalhas.

Também Antônio Bezerra foi voluntário. E ele próprio conta:

"No dia 28 de janeiro de 1865, me apareceu José Barcelos e me diz: Acaba de chegar a notícia da declaração de guerra contra o Brasil.

Os brasileiros tomaram Paissandu e o heróico forte de Coimbra resistiu ao assalto dos paraguaios, mas teve que ceder por falta de munição. Há passeata à tarde e você prepare uma poesia para a ocasião.

"Recusei-me. Barcelos, porém, convenceu-me de aproveitar a oportunidade para me fazer conhecido, deixando-me escrevendo uns versos.

"À tarde saí e juntei-me ao povo que se dirigia à igreja Matriz, onde falaram Dr. Nogueira Jaguaribe, Dr. Sousa Garcia Moura, na Alfândega, e outros de que não me lembro. Faltando-me o ânimo, não falei.

"A multidão se desdobrou para o palácio do Presidente da Província e lá chegando foi saudada pelo Dr. Lafayette, que fez um discurso à altura de seu grande talento e invejável erudição e terminou erguendo vivas ao Exército Brasileiro, à Esquadra Nacional e ao povo cearense. Falou depois o Dr. José Júlio, o Dr. José Lourenço e o Revmo. Padre Verdeixa. E ao terminar este (padre Verdeixa), pedi ao Exmo. Presidente licença para recitar uns versos.

"Com a melhor boa vontade cedeu o ilustre senhor.

"Cheguei-me à sacada que dá a frente para a Praça General Tibúrcio e tinha nos extremos do parapeito dois candelabros com cinco pequenas lanternas em cada um.

"Olhei para um lado e para o outro, fixei o povo em massa e comecei:

Falo-vos filhos do Norte
Nobre e brilhante coorte,
Que honra e glória traduz:
Ai, não deixeis esquecida
A fama nunca vencida
Dos filhos de Santa Cruz.

São nossos campos talados,
Nossos brios ultrajados,
Nossa honra rola em pó;
Eis o momento aprazado,
Voai às armas soldados,
Vingai a pátria sem dó.

. . . . . .
. . . . . .

Mostremos ao mundo inteiro
Que cearense é brasileiro,
Que sabe morrer também:
Não lhe intimida a metralha
E nos campos de batalha
Não cede o passo a ninguém.

Lá já rebramam canhões,
Agitam-se os batalhões,
O empenho é feio e cru;
Mas eis por terra as trincheiras,
Tremulam imperiais bandeiras
Nos muros de Paissandu.

E Coimbra se briosa
Cede por força orgulhosa
Do Paraguai ao ardil,
Ou há de ser retomada,
Ou hão de rolar ao nada
As gerações do Brasil.

"No meu entusiasmo de patriota, não reparei que a mão num movimento impetuoso, alcançara o candelabro e atirava com tudo à calçada, onde se fez em estilhaços."

"O povo em delírio gritava e o Dr. Lafayette, vendo a minha aflição por aquele desastre, abraçava-me, dizendo com muito afeto: Não faça caso, aquilo não vale nada.

"Alguns garotos acharam graça e riam-se a mais. Dentro em pouco, surgiu um grupo de homens que vinham na passeata e, tomando-me à força, levaram-me nos braços até o meio da praça, onde, saudado por muitos, continuou o povo a sua marcha, aclamando os nomes mais festejados dos oficiais de terra e mar e do Presidente da Província.

"No outro dia, os jornais "Pedro II" e "Liberdade" noticiavam de modo brilhante aquela patriótica manifestação, e a "Liberdade", ainda em frases afetuosas, comparava o meu ardor e entusiasmo ao do meu bisavô, o coronel Antônio Bezerra de Sousa Menezes, na República do Equador, em 1824, que teve por galardão o ser condenado à morte pela comissão militar.

"Desse dia em diante, cessou o desprezo com que me olhavam e eu entreguei-me de corpo e alma a propagar a defesa da Pátria, dispondo-me a marchar para a campanha.

"O Dr. Lafayette não consentiu que eu embarcasse como praça e procurava distinguir-me com uma patente de oficial.

"A 6 de abril, tendo de seguir para o Rio o primeiro corpo de Voluntários da Pátria, composto de 466 praças sobre o comando do coronel José Nunes de Melo, pelas 5 horas da tarde, postada em frente de um coreto armado diante do Cruzeiro da Matriz, recitou Juvenal Galeno uma linda poesia, cabendo-me também na ocasião recitar uns versos ardentes àquela briosa falange de moços dos mais distintos desta terra, para que mantivesse de modo condigno o nome sempre glorioso do Ceará.

"O Dr. Lafayette denominou a essas estrofes: metralhadas; e jamais se viu na população daquele tempo manifestação mais solene e ânsia mais significativa de vingar caro a afronta feita ao Brasil.

"Não me foi possível encontrar aqueles versos, que tanto agradaram ao Exmo. Presidente.

"Fui nomeado alferes da Guarda Nacional e a 20 de maio do mesmo ano, depois do abraço de despedida e dos desejos que por minha felicidade disse que fazia o Exmo. Dr. Lafayette, encarregueime do embarque do segundo corpo de Voluntários, composto de 200 praças pelo vapor Cruzeiro do Sul, como ajudante do comandante coronel José Peregrino Viriato de Medeiros.

"Moléstia grave forçou-me a regressar ao Ceará e a buscar o sertão por algum tempo: reparada a minha saúde, tive de ser removido para São Paulo, se não cumpri a minha vontade, foi a sorte que o não quis, mas meu companheiro Israel Bezerra, animado pelos mesmos sentimentos que eu, fez toda a campanha, foi ferido diversas vezes e trouxe uma fé de ofício que muito o honra e à terra do nosso berço.

"No Rio, todas as vezes que me encontrava com o conselheiro Lafayette, ele, depois de carinhoso cumprimento, repetia sempre com um sorriso:

"E Coimbra se briosa
Cede por força orgulhosa
Do Paraguai ao ardil,
Ou há de ser retomada
Ou hão de rolar no nada
As gerações do Brasil."

O ABOLICIONISTA

Quem melhor escreveu sobre a Abolição foi o nosso saudoso Girão, no seu livro "A Abolição no Ceará". E, em trabalho mais recente, repete a sua opinião sobre o papel de grande destaque exercido no movimento pelo homenageado.

Diz ele:

"A ação de Antônio Bezerra seria **decidida e decisiva.** Onde estivesse o dever de ir, lá estava ele, e na vanguarda. E foram necessários quatro anos para atingir o que se queria, dia e noite, cada minuto. Uns preferindo andar pelos caminhos das conquistas mais sentimentais, menos pancadaria; outros, ao invés, não hesitaram em adotar o "desse no que desse".

"No centro destes últimos, alteava-se a cabeça do fogoso morador do Barro Vermelho, já esquecendo de colher as suas flores e de podar as suas fruteiras".

"A Cearense Libertadora", fundada barulhentamente em 8 de dezembro de 1880, dia da Imaculada Conceição, foi o seu campo de mosquetaria. Um dos discursos inflamados saiu da sua boca. Compôs a diretoria da sociedade e daí para diante não houve bulha, entrevero, façanha, reboliço, artimanha em que ele não estivesse com o seu "fogão" no intento de libertar escravos, recebê-los com as cartas de alforria dadas pelos senhores mais generosos, ou mesmo roubá-los defrontando os maiores riscos. A questão era não deixar negro cativo onde os houvesse, e tanto se expôs Antônio Bezerra nesse relevante empenho que chegou a ser aconselhado pelo próprio Chefe de Polícia, Dr. Alcântara Bilhar, a andar armado, tais os ódios que lhe opunham os recalcitrantes negreiros", concluiu Girão.

Desse tempo são os seus versos condoreiros, na moda da época, recitados nos clubes e nas praças para inflamar a todos como o ideal da libertação dos negros.

LITERATO DE PROSA E VERSO

Publicou, em 1886, o livro "Horas de Recreio", de crônicas. Leitura ligeira, sobre assuntos vários.

Era de estilo agradável, até mesmo em obras de cunho histórico, quando isso era possível.

Quanto à poesia, trouxe de S. Paulo, uma grande parte de "Sonhos de Moço", livro publicado em 1870. Versos românticos que, na

opinião de Antônio Sales, "merecem ser postos ao lado dos melhores da época, repletos de punjante e vívida inspiração pessoal".

Relembrando o clima de S. Paulo e referindo-se talvez à namorada que deixara no Ceará, são seus estes versos:

"Foi bem longe daqui, num clima frio
Onde o céu é nublado e o mar sombrio
Que eu sozinho parei:
Errante viajor em noite escura
Tu foste para mim a imagem pura
Que em sonhos eu sonhei".

Ao que se sabe, a inspiradora dos versos, sem querer esperar o regresso do eleito, mudou-se de amores.

Depois da volta de Antônio Bezerra, encontraram-se os dois no Passeio Público, local em que se reunia a sociedade de Fortaleza.

Ao se falarem, foi grande o constrangimento da jovem, denotando mesmo comiseração pelo "fora" que havia dado.

Antônio Bezerra não se perturbou e saiu-se com estes versos:

"Não tenha pena de mim
Que meu orgulho se ofende.
Eu sou como a rocha dura
Que o raio fere e não fende."

Afora os versos românticos, dos tempos de estudante, enfeixados em "Sonhos de Moço", a poesia de Antônio Bezerra foi, toda ela, condoreira, à moda de Castro Alves ou Tobias Barreto, poemas de exaltação patriótica como os que já vimos, referentes à guerra do Paraguai, ou de exaltação do ideal da libertação dos negros.

Estas estrofes expressam essa fase:

"Moços! uma grande idéia
Vos anima os corações,
Quereis erguer no futuro
O mais belo dos padrões!

Sim, que vos sobra energia
E tendes n'alma a magia
Que gera as revoluções;
Se a turba não vos entende
Dos moços é que depende
O destino das nações.

Sois poucos, mas resolutos
Cheios de crença e valor,
São nobres vossos esforços
E mais nobre vosso amor.
Amor à causa sublime
Daqueles a quem oprime
O estigma da escravidão,
A quem só coube por sorte
Miséria e dor – té que a morte
Os livre à degradação.

Avante, pois, que este século
É o século de grande ação.
Repugna à luz do progresso
A idéia da escravidão...

Em 1883, em plena Campanha Abolicionista, publicou "Três Liras", de parceria com Justiniano de Serpa e Antônio Martins, livro que enfeixa os poemas dos três, relativos ao ideal da Abolição.

Foi Justiniano de Serpa quem, na Presidência do Estado, considerando a pobreza de Antônio Bezerra e os relevantíssimos serviços prestados por ele ao Ceará, por ocasião de sua morte, a 28 de agosto de 1921, fez-lhe o sepultamento a expensas do Governo Estadual.

Fez mais: para acudir à viúva desamparada, comprou a grande biblioteca de Antônio Bezerra, incorporando-a à do Estado. Eram centenas e centenas de obras valiosas, sobre geologia, botânica, mineralogia, geografia, ramos do conhecimento da especialidade do autor, afora as obras de História e Literatura.

Apesar dos elogios de Antônio Sales, que era poeta, o forte de Antônio Bezerra não foi a poesia mas a pesquisa e a interpretação histórica que embasaram a sua obra gigantesca.

HISTORIADOR, CARTÓGRAFO E PESQUISADOR

Afora os livros já indicados, "Horas de Recreio", "Sonhos de Moço" e "Três Liras", Antônio Bezerra publicou em 1885 "Maranguape", Notas de Viagem, interessante livro sobre a cidade e a serra desse nome.

Outro livro de grande importância é "Notas de Viagem ao Norte do Ceará", reeditado em 1915, sendo a 3ª edição em 1965, pela Universidade Federal do Ceará.

Livro volumoso, de valor inexcedível, na opinião de Girão, resultou de sua viagem de estudos, determinada pelo Governo do Ceará.

A respeito dessa viagem, diz Raimundo Girão:

"Em pleno verão, tudo seco, a nossa hiterlândia, ao tempo, sem estradas ao menos razoáveis, sol queimante, viajando a cavalo, será bem de avaliar a montanha de sacrifícios, carências e empecilhos que iria enfrentar. Conhecia-se a si e a quanto o seu corpo e sua força de vontade o podiam levar. E foi; e após longos meses voltou com um tesouro de dados, revelações, novos conhecimentos sobre o sertão, as suas coisas, as suas peculiaridades e a sua gente. E pode revelar: – "Graças, meu Deus, porque trago vida para amar a minha terra e abraçar os meus!". O livro tem 428 páginas! Sabia ver, sabia tirar conclusões do que via e sabia transmití-las aos seus cadernos, e soube, cabalmente, dar conta da pesada incumbência a ele confiada. Descreve tudo: o chão, as árvores, as aves, os animais, classificados cientificamente, as povoações, as vilas, as cidades, encontradas no seu caminho de suor e quase ao léu. De onde chegava é que traçava o roteiro a seguir. Não se lhe defrontava pequena coisa, de interesse melhor, que não registrasse e minuciasse, forrado de seu dom de acurado observador e das seguras noções do que embora autodidaticamente dispunha, à custa de suas constantes leituras e experimentações, da Mineralogia, da Zoologia e da Botânica".

Em 1901, Antônio Bezerra deu à publicidade, na Revista do Instituto, à obra intitulada "Algumas Origens do Ceará".

Entre parênteses, devo dizer que me excusei, neste trabalho, de emitir opinião própria, conceitos propriamente meus, para que a minha qualidade de sobrinho-neto de Antônio Bezerra não sobrecarregasse o meu pensamento de qualquer laivo de suspeição. Preferi divulgar o parecer de estranhos, principalmente do nosso saudoso Raimundo Girão, que parece ter estudado melhor a obra do homenageado.

Sobre livros de Antônio Bezerra, especialmente a respeito de "Algumas Origens do Ceará", diz ele: "Estudos diversos traz para

a **Revista do Instituto do Ceará,** sociedade de fins históricos e geográficos, e de cuja fundação participou eficientemente (4 de março de 1887). Desses trabalhos de cunho severo e largueza de interpretação, destacam-se **Algumas Origens do Ceará,** ocupando grande quantidade de páginas no volume de 1901 (3º e 4º trimestre); **As Praias, Mucuripe, Barra do Pacheco,** no v. de 1902; **O Desembargador Cristovão Soares Reinão julgado à vista dos documentos do seu tempo,** v. 1902; neste mesmo volume – **Origem do nome Ceará;** e ainda, **Os Caboclos de Monte-Mor,** v. de 1916; e o **O nome Mecejana,** v. de 1917".

"A Algumas Origens do Ceará ele deu forma de livro em 1918, editado pela Tip. Minerva, de Assis Bezerra, com 265 páginas.

"É sem dúvida, a sua obra fundamental; nela o Autor revela-se o verdadeiro historiador, autêntico escafandrista a mergulhar nos mares desconhecidos dos documentos amontoados no fundo dos arquivos eclesiásticos, bibliotecas e cartórios, de onde nunca viriam à tona se não fora o seu **faro,** na linguagem de Capistrano de Abreu, e se não fora a disposição quase maluca de ler e reler quanta folha do livro velho ou de processos tabelionais antigos, salvos da destruição não se sabe porque milagre. Repõe ponto por ponto num revisionismo corajoso o que dantes se respeitava como exato ou incontestado, relativamente a fatos de nossa caminhada histórica desde as eras do começo do povoamento. Catou, esmiuçou, separou, consertou o que estava rasgado e de lupa aos olhos pode ler o que, de apagado no papel, mal se percebia. Pode-se afirmar que nenhum livro sobre História do Ceará o supera nisso".

"Sobre **Algumas Origens do Ceará** já tive ensejo de apontar que em suas páginas o autor "mostra bem claro o seu teor de crítico histórico e, refutando Brígido, põe sob as lentes do atento exame da exatidão fatos do passado cearense até então cobertos do azinhavre dos enganos e dos conceitos errôneos. A sua esponja avinagrada de uma a uma descobriu as suposições sem base de velhos historiógrafos e as notícias sem fundamento de cronistas aligeirados, trazendo para cada contradita a luz da verdade inconstestável. Depurou, com efeito, de tantas dúvidas e distorções, a história do povoamento do Jaguaribe e do vale do Cariri, valendo-se da desusada acuidade, conquanto ainda sem observância de determinadas normas que os melhores métodos históricos aconselham. Não anulam, nem desmerecem a sua ingente e proveitosa obra de pesquisa e raciocínio alguns senões de linguagem e certo desalinho na argumentação, que aí se verificam e o próprio autor reconhece e das quais se escusa dizendo tê-lo feito de

propósito "para mais salientar a verdade, e que, por isso, torna desenxabido o pesado estilo". **Algumas Origens do Ceará** passou a ser a estaca zero ou marco inicial da nova ordem de lucubrações da história desta Terra de Sol, que o autor não se cansa de evocar, como cantilena amorável do seu coração e o livro tem suporte confirmativo noutros estudos por ele insertos em lugares outros, de modo especial da **Revista do Instituto do Ceará.**

Em 1901, publicou ele interessante trabalho sobre a cidade de Aracati, inserto no Almanaque do Ceará, daquele ano.

De 1906 divulgou "O Ceará e os Cearenses", monografia sobre a nossa gente, matéria que nos trouxe de Manaus.

Outro trabalho de grande expressão é – **Uma Descrição da Cidade de Fortaleza,** por certo o melhor de quantos têm sido publicados relativamente à sua história, em feitio de crônica, como diz Girão, que o anotou minuciosamente, aguardando publicação.

"Esta magnífica produção encontra-se na **Revista do Instituto do Ceará,** nº 9, de 1895, tomando as páginas de nºs 118 a 290. É, portanto, longa e sobretudo fartamente documentada, abrangendo variados aspectos desta cidade do Pajeú. Não é bem conhecida, quase se dirá quase ignorada, pois que dito volume da **Revista** é de difícil alcance, sendo poucos os que o possuem". (Raimundo Girão).

É no terreno da pesquisa que se não pode esquecer a tarefa quase sobre-humana de fazer o levantamento das Datas e Sesmarias.

É imperioso ceder a palavra a Raimundo Girão: "o apego, quase obcessão, de Antônio Bezerra, como perseguidor empenhado na disposição inata de tratar com velhos documentos e vetustos papéis, fontes inexauríveis de preciosidade históricas, arrastou-o a cometimento realmente audacioso, como quem se encara com um montão de coisas à primeira vista impossível de suportar. É o caso do serviço molestoso e hercúleo em que se engajou – qual o de ler, traduzir, quase decifrar – os escritos, em ortografia antiga, dos livros de registro das datas e sesmarias do Ceará, guardadas no Arquivo Público estadual, em número total de 1425, o que depois de reduzidos a impresso soma 14 volumes, num total de 2743 páginas.

Conhecedor do território cearense, palma a palmo, Antônio Bezerra foi também cartógrafo. Quem o diz é Antônio Sales: "Se o Ceará tem hoje uma carta geográfica correta, deve-se isto à sua colaboração como engenheiro das Obras Contra as Secas, sob a direção do Dr. Arrojado Lisboa, que levou o nosso conterrâneo ao Rio e com ele trabalhou na elaboração da referida carta".

HOMEM DE FÉ

De família tradicionalmente católica, formado nos princípios do catolicismo arraigado de seu pai, Dr. Manoel Soares, líder inconteste do laicato na Província, Antônio Bezerra foi homem de fé.

Desde a infância, habituara-se a uma atmosfera sensivelmente impregnada de idéias sobrenaturais. E ao tempo da questão religiosa, realizava conferências, ele, seu pai, um grupo de católicos esclarecidos e de sacerdotes, como Gonçalo de Almeida Santos, Padre Dr. Jerônimo Tomé da Silva (depois Arcebispo Primaz do Brasil), Dr. Teófilo Rufino Bezerra de Menezes, seu tido e sogro, Augusto Peixoto de Alencar e Padre J. Antunes de Oliveira.

Essas conferências rebatiam as idéias dos adversários e movimentavam o ambiente cultural da Fortaleza provinciana de 1874.

Eram animados os debates jornalísticos entre os católicos e os anti-religiosos como Amaro Cavalcante, Capistrano de Abreu, Tomaz Pompeu, Henrique Théberge, Araripe Júnior, uns muito violentos, outros mais moderados, vários deles modificando suas idéias com o passar dos anos.

Os adversários deixavam o aspecto doutrinário da questão relativa à dependência ou independência da Igreja, em face do Estado, para resvalarem para o campo da intolerância religiosa, simplesmente.

Era tal o radicalismo, que os inimigos da Igreja tentaram até perturbar as conferências dos católicos, como informa José Aurélio Saraiva Câmara, no seu livro "Capistrano de Abreu", p. 78.

Antônio Bezerra participava da campanha com o mesmo ardor com que, mais tarde, faria o movimento abolicionista.

E a sua piedade fê-lo construir a Capela da Sagrada Família, hoje igreja Matriz da Paróquia de Antônio Bezerra.

Interessado pelos pobres mais desassistidos, ingressou no movimento vicentino. Ele, seu tio e sogro, Dr. Teófilo Rufino, integraram o grupo que constituiu a Conferência Vicentina de São Leão, instalada a 1ºde janeiro de 1888, por Dom Joaquim José Vieira, Conferência da qual participamos, eu e os caros consócios do Instituto do Ceará – Itamar Espíndola e Luiz Teixeira Barros, além de outros católicos de prol, como o Dr. Waldemar Machado e o Prof. Rômulo Mascarenhas dos Santos.

TRABALHADOR INFATIGÁVEL

Durante toda a sua vida, Antônio Bezerra se entregou de corpo e

alma ao trabalho. Não para conseguir rendimentos, pois morreu pobre. Mas para estudar a fundo sua terra e sua gente, exaltando-os quanto pôde.

É de Antônio Sales esta página, contando uma visita que lhe fez, quando já estava velho e doente: – "E era um espetáculo estranho e comovente ver, naquele cenário aldeão, nosso velho cronista, doente e desiludido, consumindo seus últimos dias de vida na faina de ainda servir a sua terra, a desencavar e a estudar os fatos do seu passado. A sua proverbial facúndida ainda se manifestava em tiradas brilhantes e pitorescas que o faziam esquecer os conselhos médicos, a despeito das injunções afetuosas de sua santa esposa e das suas extremosas filhas (Salete, Geórgia, Juanita e Maria José). E por momentos eu ainda julgava ver diante de mim o Antônio Bezerra do tempo da Padaria Espiritual, estuante de verve, a contar com um chiste de palavras e de gestos dignos do mais perfeito artista de teatro, as jocosíssimas histórias de sua infância e sua mocidade".

RETRADO D'ALMA E CORPO

Espírito alegre, jocoso, impulsivo no abraçar os grandes ideais, extremamente desinteressado por bens materiais. Quase sempre de bom humor. Dele, diz Rodolfo Teófilo: – "Antônio Bezerra, de todos nós o mais velho, uma cabeça de cinqüenta anos com um cérebro de criança, poeta e historiador, a fazer espírito, relatando os episódios cômicos de sua mocidade ou recitando trechos de seu Zé Guedes ou do patitô de crescimento".

Este, o retrato psicológico do homenageado.

Fisicamente, de estatura média, muito alvo, olhos azuis, cabelos claros, nariz adunco, testa ampla, denotando em muitos aspectos a ascendência dos lusitanos do norte de Portugal. Tinha a cabeça chata, rigorosamente chata, para, até nisso, identificar-se com o seu e nosso povo.

Por fim, seja-me perdoada prolixidade desta palestra. Comemoração sesquicentenária, porém, justifica a delonga da exposição.

Demais, foi muito humilde o homenageado, merecendo, assim, a exaltação de agora, pois, como está em Mateus 23:12, "qui se humiliaverit, exaltabitur".